

um mêsro de famílias que moram nas ruas

os fornecedores, solitário por uma legião de homens e mulheres com filhos nas calçadas



"Tenho passado tão mal, a minha cama é uma folha de jornal." Noel Rosa

"Saudosa maloca, maloca querida, dindindonde voís... dias feliz em nossas vida." A. Barbosa

JOSÉLIA AGUIAR

Já se foi o tempo do mendigo com chapéu virado para cima na esquina ou do louco folclórico do bairro, que todo mundo conhecia e do qual só as crianças sentiam medo. As calçadas de Salvador hoje estão ocupadas por famílias inteiras, excluídas do mercado de trabalho por causa da baixa qualificação profissional. Nos últimos anos, a miséria tem se tornado cada vez mais visível na figura de homens e mulheres, sem qualquer deficiência mental e incluídos na faixa etária economicamente ativa, que passam a viver na rua com os filhos.

A população de rua provoca, na maioria das vezes, apenas incômodo e medo nos transeuntes. Eles não são difíceis de encontrar: estão no Campo Grande, na Pituba e em Nazaré, dormem embaixo das marquises de lojas de departamentos da Carlos Gomes. Estão mais para *Saudosa Maloca*, triste clássico do repertório de Adoniran Barbosa, que para o leve *O Urvalho Vem Caindo*, de Noel Rosa. Viraram problema dos poderes públicos estaduais e municipais da maioria das capitais brasileiras. Difícil é precisar esse contingente. O levantamento sobre mendicância em Salvador realizado há um ano pela Secretaria Municipal da Ação Social apontou um total de 268 mendigos, entre adultos e crianças. "Realizamos uma pesquisa emergencial, apenas durante o dia", diz o secretário Luis Leal, que reconhece a defasagem dos números e anuncia para breve o começo de nova pesquisa.

Um dado surpreendente da contagem é o número maior de famílias sobrevivendo da mendicância (54%) se comparado ao de pessoas sozinhas

(46%). Luis Leal destaca a quantidade de indivíduos apresentando desequilíbrio mental (26,39%) como inferior ao que se costuma pensar. Quanto aos outros dados, nenhuma novidade. Os moradores de rua são, em geral, negros (32,5%) e pardos (50%), analfabetos (44%) ou com o primeiro grau incompleto (54%), vindos do interior baiano (31%), de outros estados (19%) ou da própria capital (24%).

A legião de deserdados se concentra no centro da cidade (49,3%). Também habita o Comércio da Cidade Baixa (6,3%), Rodoviária e Iguatemi (8,3%), viadutos e passarelas (6,3%), além de bairros diversos (30%).

EXCLUÍDOS

Se a miséria já cresceu literalmente a olhos vistos, as perspectivas de mais gente ir sentar nas calçadas são grandes. Dados do IBGE levantados em setembro indicam que a taxa de desemprego em Salvador já atinge 6,88% da população economicamente ativa. Maior que a média brasileira, que no mesmo período esteve em 5,05%. "O País cresceu, mas o caráter do desenvolvimento é excludente", analisa a doutora em Sociologia e pesquisadora do Centro de Recursos Humanos (CRH) Inaiá Carvalho. "O mercado de trabalho encolheu e se tornou mais seletivo", acrescenta.

A socióloga explica que, mesmo com a volta do crescimento, não há perspectiva de absorção dessa mão-de-obra. "Essas pessoas têm características rejeitadas pelo mercado", diz. Uma vez na rua, perde-se as referências sociais, condição propícia ao rompimento do equilíbrio psíquico.

Socióloga aponta soluções para o drama

O drama da população de rua só terá fim a partir de três fatores, de acordo com a socióloga Inaiá Carvalho. O País deverá retomar o crescimento com a preocupação de criar oportunidades para esse contingente no mercado de trabalho. A implementação de políticas públicas, nos âmbitos federal, estadual e municipal possibilitarão o atendimento dos excluídos. E, principalmente, a socióloga aponta a reforma agrária como condição imprescindível.

"Saiu de moda falar em reforma agrária, mas é inevitável constatar que, se houvesse perspectivas de vida no interior, muitas des-

sas pessoas seguramente não viriam para a capital buscar melhores condições", diz. Inaiá Carvalho afirma que é preciso que a sociedade se mobilize para isso, ao invés de apenas se incomodar com o problema ou temer assaltos ou a violência. Acabar com o drama dessas famílias não ocorrerá com "um simples cadastramento" ou com providências postas em prática em algumas cidades do Sul do País, que temem "se contaminar com a miséria" e fazem quem não tem emprego certo voltar da rodoviária.

O secretário municipal da Ação Social, Luís Leal diz que só espera o

"sim" da Secretaria de Terras e Habitação (Setha) no pedido de 50 mil metros quadrados de terras agricultáveis. A ideia é manter o abrigo noturno de São Miguel e contruir uma casa de triagem para migrantes e mendigos, que possibilitará "recuperação e reeducação". No local haverá horta, granja, criatório de coelhos, codornas e galinhas, além de cursos profissionalizantes, semelhantes aos oferecidos em bairros da periferia através do convênio entre Senac e Semas. "Bastará o sim da Setha para escrever o projeto e em seis meses aprontar tudo", garante.



Enio Francisco mora há dez anos na rua e diz ter curso universitário

No jardim, uma vida malograda

Do piso ao teto, Enio Francisco Franco, 65 anos, garante saber fazer tudo. Quem arrisca duvidar ele manda ir nos endereços nos quais serviu. Enio se orgulha de executar tarefas de pedreiro, pintor, eletricista, encanador, além de esculpir entalhes de madeira - bengalas decorativas de todos os tamanhos, quadros com nomes da clientela. Outro dia o desafiaram a fazer uma peça a partir de um palito de fósforo. "Ganhei R\$ 10 na aposta. Não gosto dessas competições, mas se alguém duvidar...", explica, anunciando em seguida um dos tantos desafios que costuma fazer nos diálogos com os transeuntes. Enio ainda tem tempo de "olhar" os carros nas imediações de onde mora - o Jardim de Nazaré.

"Há dez anos moro na rua", conta, usando palavras cuidadosa-

mente escolhidas e zelando pela correção gramatical das frases. Diz ter se formado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador e que só não cursou Medicina por causa da morte do pai, provocada por uma endocardite bacteriana. Enio passou três décadas na Penitenciária Lemos Brito por causa de um homicídio, chegou a adquirir uma casa na Ilha de Itaparica, constituiu família na época e teve cinco filhos. No dia seguinte à sua saída da prisão, encontrou a mulher com outro. No Jardim de Nazaré tem pelo menos dez "vizinhos", que conhece pelos nomes. Aprendeu a dormir "alerta" depois de ser roubado várias vezes. Se teme o frio do inverno? "É o tempo de que mais gosto... Eu me identifiquei sobre-

QUEM NÃO TEM ONDE MORAR

PERFIL DE QUEM VIVE NAS RUAS DE SALVADOR

■ FAMÍLIAS INTEIRAS	54%
■ PESSOAS SOZINHAS	46%
■ DESEQUILIBRADOS MENTAIS	26,39%
■ NEGROS	32%
■ PARDOS	50%
■ ANALFABETOS	44%
■ CURSARAM 1º GRAU	54%
■ MIGRANTES DO INTERIOR	31%
■ MIGRANTES DE OUTRO ESTADO	31%